

EDITORIAL



O meu tema de abertura deste editorial é a Amizade por considerar que nos devemos debruçar sobre um tópico acerca do qual já os Gregos tanto escreveram mas que continua a ter interesse na era das Novas Tecnologias, tanto mais que, hoje em dia, é geralmente considerado que o facto de se dispor de muitos "amigos" no perfil informático é equivalente a ter um grande prestígio.

Escolhi, por isso, como imagem inspiradora a "A Escola de Atenas" (1509-1511), um dos famosos frescos com que Rafael, o pintor renascentista italiano, decorou as paredes do Palácio Apostólico, no Vaticano, e em que retrata, ao centro, dois amigos, os filósofos gregos Platão e Aristóteles. Apesar de Platão, no seu diálogo *Lísias*, ter escrito sobre a amizade (*philia*), quem mais se destacou a propósito do tema foi o seu discípulo Aristóteles, que lhe dedicou os livros IX e X da sua obra *Ética a Nicómaco*, onde afirma: "A amizade é uma virtude, ou está ligada à virtude, além de ser algo de extremamente necessário para a vida. De facto, ninguém gostaria de viver sem amigos, mesmo que possuísse todos os outros bens".

Segundo Aristóteles, ao longo da vida, conhecemos três tipos de amizade: a Agradável, a Útil e a Perfeita. Quando jovens, temos tendência para procurar uma amizade que nos dê prazer – "a agradável". Pode dizer-se que amamos as pessoas porque as consideramos "agradáveis" e não pelo seu carácter. Em adultos, porém, procuramos a amizade útil, e, segundo Aristóteles: "aqueles que fundamentam a sua amizade no interesse, amam-se por causa da sua utilidade, devido a algum bem que recebem do outro, mas não os amam por si mesmos". E a amizade considerada "perfeita" por Aristóteles seria: "aquela que existe entre os homens que são bons e semelhantes na virtude, pois essas pessoas desejam o bem um ao outro de modo idêntico, e são bons em si mesmos [...] aqueles que desejam o bem

aos seus amigos, por eles mesmos, são amigos no sentido mais próprio, porque o fazem em razão de sua natureza e não por acidente”.

Feitas estas referências introdutórias, devo dizer que – de um ponto de vista pessoal – o tema me foi inspirado pelo facto de ter recentemente perdido duas grandes amigas e de querer celebrar a importância que a sua amizade teve na minha vida. Na verdade, embora eu tenha tido a sorte de ter muitos amigos, é frequente ouvir-se dizer que é raro encontrar um que sobreviva aos percalços do tempo, pode, por isso, concluir-se que a verdadeira amizade é difícil de encontrar.

Começarei, portanto, por tentar definir sucintamente Amizade. Ter um amigo significa que há alguém em quem nos podemos apoiar quando temos problemas, mas que também comemora connosco quando vivemos um momento de alegria e felicidade. Os amigos constituem, por isso, uma parte importante da vida de todos nós e investigações recentes concluíram que viver rodeados de amizade, afeição e estima aumenta as nossas hipóteses de sermos felizes.

A fim de meditar sobre o significado de Amizade, além de me dedicar à espinhosa tarefa de a tentar definir, irei focar o tema nas áreas que mais me interessam, como a música e a literatura.

Foi já afirmado que o que há de melhor no mundo é ter um bom amigo. No âmbito da música há, porém, quem afirme que melhor ainda é ouvir uma boa ária ou composição musical sobre a amizade. Na verdade, tal como no mundo literário, os músicos têm ponderado e louvado o tópico da amizade desde tempos imemoriais.

É inegável que a história da música clássica foi marcada, de modo notável, por amizades que ficaram famosas e que alguns dos mais conhecidos compositores se têm debruçado sobre o tema e o têm louvado.

Mozart e Haydn, como é sabido, eram grandes amigos, inspiraram-se mutuamente e desafiaram-se a atingir novas proeminências na sua área. Embora Mozart (1756-1791) fosse bastante mais novo do que Haydn (1732 -1809), tinham respeito mútuo e pareciam ser bons amigos que apreciavam tanto a companhia como a música um do outro. Haydn louvava abertamente Mozart, que até escreveu uma série de quartetos de corda que lhe dedicou.

Do mesmo modo, também Gustav Mahler (1860-1911) e Richard Strauss (1864-1949), dois grandes compositores do início do século XX, eram amigos, tendo Mahler dirigido muitas obras de Strauss, tal como este regeu várias sinfonias do seu colega.

Para demonstrar como a Amizade tem influenciado de modo notável a história da música clássica, bastaria lembrar as relações amigas de músicos célebres, como, entre outros, Holst (1874-1934) e Vaughan Williams (1872 -1958); Brahms (1833–1897) e Dvořák (1841–1904) e, mais recentemente, Copland (1900-1990) e Bernstein (1918 -1990).

Por outro lado, se quisermos invocar o tema da Amizade no âmbito da música popular bastará pensarmos em composições como *I'll Be There*, a famosa

canção dos Jackson 5 que, tal como dizia o próprio Michael Jackson, levou o célebre quinteto "à estratosfera" ou na conhecida composição *With A Little Help From My Friends* dos Beatles.

Se, em alternativa, quisermos ligar a Música à Literatura, podemos evocar a "amizade" entre o músico Chopin (1810 –1849) e a escritora George Sand (1804 – 1876) e começaremos por considerar como o tema tem sido tratado na literatura em língua inglesa. Como, são tantos os paradigmas de Amizade retratados em obras literárias, limitar-me-ei a indicá-los. Podemos começar por referir a amizade de Emma Woodhouse e Harriet Smith em *Emma* (1815) de Jane Austen; a de Charles Darnay e Sidney Carton no romance histórico de Charles Dickens *A Tale of Two Cities* (1859), que decorre em Londres e Paris durante a Revolução Francesa; a de Tom Sawyer e Huckleberry Finn em *The Adventures of Huckleberry Finn* (1885) de Mark Twain, que foi já considerada "the great American novel"; a de Sherlock Holmes e do Dr. Watson da série de Arthur Conan Doyle, cuja primeira publicação foi *A Study in Scarlet* de 1887; a de George, Harris e J. na obra de Jerome K. Jerome *Three Men in a Boat* (1889); a de Hércule Poirot e do Cpt. Hastings primorosamente retratada por Agatha Christie, em 1920, na sua famosa obra *The Mysterious Affair at Styles*; a de George Milton e de Lennie Small em *Of Mice and Men* (1937) de John Steinbeck, sendo, obviamente, todas precedidas pelo relato de Daniel Defoe da amizade modelar e inspiradora entre Robinson Crusoe and Friday na sua obra *Robinson Crusoe* (1719).

No âmbito da literatura infantil, destaco *The Lord of the Rings* (1954) de J. R. R. Tolkien, que foca a amizade entre Frodo e Sam; a afeição de Pooh e Piglet na colecção *Winnie-the-Pooh* de A. A. Milne, que data de 1926, ou, mais recentemente, a série de novelas *Harry Potter* da autoria J. K. Rowling, publicadas entre 1997 e 2007, que retratam a relação entre os amigos Harry, Ron e Hermione. Enid Blyton, na sua primeira obra, *Five on a Treasure Island*, que foi publicada em 1942, também ficou famosa devido ao seu relato das aventuras de quatro crianças Julian, Dick, Anne e Georgina (George) e do cão Timmy.



Aquiles a tratar as feridas de Pátroclo - Vaso de 500 a.C.

É evidente que na literatura mundial o tema tem sido igualmente tratado. Na *Ilíada*, é a morte de Pátroclo (envergando a armadura de Aquiles) às mãos de Heitor, que leva o seu amigo Aquiles a aceitar lutar, provocando assim os

acontecimentos de que resultou o clímax da Guerra de Tróia.

Na obra de Shakespeare, são múltiplas as referências à Amizade como, por exemplo, em *Romeo and Juliet* (1597) em relação a Romeo e Mercutio; em *Julius Caesar* (1599), quando César pergunta "Et tu Brute?" (Acto 3 Cena 1) toda a importância icónica do momento deriva do facto de nós sabermos como a amizade entre ambos tinha sido forte. São igualmente referidas as trágicas relações entre os amigos Macbeth e Banquo, em *Macbeth* (1606), e as de Hamlet e Horatio, em *Hamlet* (1609) e de Beatrice e Hero, em *Much Ado About Nothing* (1612).

No âmbito da literatura, merece ainda uma referência especial a obra clássica de Antoine de Saint-Exupéry *Le Petit Prince*, publicada em 1943, e que, em França, foi votada o melhor romance do século XX e que, na minha opinião, descreve a amizade na sua forma mais profunda. Com efeito, a amizade mais digna de admiração – tal como a do pequeno príncipe e da raposa – parece ser aquela que une dois seres que, embora se possam considerar opostos, se compreendem profundamente pois, tal como diz o autor: "L'essentiel est invisible pour les yeux".

Podemos assim concluir que a amizade não floresce baseada no que os amigos têm em comum mas sim no facto de aceitarem a diversidade e as características únicas do outro, a quem dão a oportunidade de ser compreendido e acolhido apesar de ser diferente. Ao admitir a sua diferença, estamos, provavelmente, a fazer um amigo para toda a vida que nos apoia nos bons e nos maus momentos.

Pois, tal como lemos na *Bíblia*: "O amigo ama-nos sempre mas, na desgraça, torna-se um irmão." (*Provérbios*, 17:17). Na verdade, é quando temos um problema e nos sentimos perdidos, que compreendemos como a verdadeira amizade é rara e importante nas nossas vidas. Um amigo leal e autêntico apoia-nos, apesar das nossas dificuldades e mesmo que não nos veja há muito tempo, e uma amizade que se mantém firme e confiante nessas condições torna-nos melhores e dá-nos esperança.



Após esta breve introdução, irei seguidamente fazer a apresentação dos artigos que integram este 15º número da *Gaudium Sciendi*. Como tivemos a honra de João Almeida Flor ter aceitado abrilhantar a nossa revista com o artigo intitulado "Responsabilidade Humanitária das Humanidades Modernas", começo por me referir ao seu texto em que nos fala da necessidade urgente de promover uma aliança estratégica entre vários ramos do conhecimento e de corrigir a existência de múltiplos saberes conexos.

"Sherwood Anderson's "The Book of The Grotesque" - Rewriting The Story In The Margin" é o título do artigo de Ana Paula Machado, no qual a autora no seu magnífico estilo nos leva a considerar a obra tão original de Anderson e a reflectir

sobre o inverno da nossa vida e a velhice.

Em "Reforma: O Tempo de Espera para a Morte?!" Joana Cristina Novais Carneiro fala-nos da percepção acerca das pessoas de idade em contexto de trabalho e da vivência da reforma no ciclo de vida no nosso "século dos idosos".

Miguel Alarcão intitulou o seu ensaio "An Apology for Intermediality: Re-Veviewing Kate Bush's *Wuthering Heights* (1978)" no qual comenta – da forma magistral com que sempre colabora na *Gaudium Sciendi* - dois vídeos inspirados por *Wuthering Heights* (1847) a famosa obra de Emily Brontë. Com os seus sábios comentários sobre duas tradições literárias distintas incita os leitores a reverem as suas noções e práticas de leitura.

"A Evolução do Sistema Prisional desde Carl Panzram e Gary Gilmore até à Actualidade" da autoria de João Jorge C. S. Spínola Fernandes relata-nos como podemos "curar" os presos das suas tendências criminosas e inseri-los de novo na sociedade e refere-se às experiências extremamente negativas de Carl Panzram e Gary Gilmore. Além disso, traça a evolução da prisão desde o tempo dos assassinos até à actualidade.

"Churchill On Religion - The Intuition" é o artigo de Américo Pereira no qual nos refere como Churchill desenvolveu um modo pessoal e peculiar de compreender e viver a sua relação com Deus.

Para celebrar a Universidade Católica, de que foi ilustre jurista, Aurora Madaleno escreveu "Os 50 Anos da Universidade Católica" demonstrando todo o seu vasto saber sobre o enquadramento legal da fundação da nossa Universidade.

Na Secção das Recensões Críticas, Márcia Maria de Melo Araújo faz-nos uma pormenorizada apreciação da obra *Imagens da Mulher na Imprensa Feminina de Oitocentos - Percursos de Modernidade* da autoria de Ana Costa Lopes e publicada em 2005.

Teresa Ferreira de Almeida Alves deu-nos o gosto de colaborar neste número da *Gaudium Sciendi* escrevendo um excelente ensaio em que faz a apresentação de *Programa Fulbright - Volume Comemorativo (2019)*, uma obra coordenada por Maria Laura Bettencourt Pires, que contém uma série de relatos de bolseiros que chegaram ao topo das suas carreiras académicas e escrevem sobre o programa de intercâmbio universitário e o seu fundador.

Como habitualmente, o volume encerra com Informações sobre a revista e Regras de apresentação de artigos, que solicitamos a todos os colaboradores que sigam.

Maria Laura Bettencourt Pires
Directora da Gaudium Sciendi

